

# Como os anticoncepcionais hormonais oferecem risco à saúde da mulher

Ana Julia Nunes de Aguiar<sup>1</sup>; Anna Vitória Borges dos Santos<sup>1</sup>; Eduarda Teodora Rachid Wolpp<sup>1</sup>; Julliana Maria Carvalho Tronconi<sup>1</sup>; Lucas Renck Melo<sup>1</sup>; Helem Teles de Oliveira<sup>2</sup>

1. Discente do curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA.

2. Docente curso de Medicina da Universidade Evangélica de Goiás - UniEVANGÉLICA.

**RESUMO:** O uso de métodos anticoncepcionais pode gerar diversas reações às mulheres e grande parcela delas não tem conhecimento acerca do assunto, nem mesmo das diferenças entre os métodos contraceptivos. A presente revisão sistemática tem como objetivo analisar os riscos oferecidos, principalmente pelos hormonais, à saúde e bem-estar da mulher. Foram incluídos estudos da base de dados da Public/Publisher MEDLINE (PubMed) e Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os descritores: "contraceptivo hormonal", "efeitos" e "saúde contraceptiva". Dessa forma, obteve-se como resultado que os métodos anticoncepcionais hormonais são os que mais causam algum efeito colateral nas pacientes. Dentre esses efeitos adversos pode-se destacar: alterações no fluxo menstrual, cefaleia, dismenorrea, diminuição da libido e aumento do risco de doenças cardiovasculares. Junto a isso, os principais anticoncepcionais hormonais são de via oral e, na maior parte deles, levam em sua composição o etinilestradiol (E), progesterona e derivados de progesterona, para regulação do ciclo e para a não contraceção, respectivamente. Com isso, conclui-se o uso de métodos contraceptivos traz efeitos colaterais para a mulher, e por isso, é necessário disseminar as informações apresentadas para que as mulheres possam decidir qual método é o melhor no seu caso.

**Palavras-chave:** Contraceptivo hormonal. Efeitos. Saúde contraceptiva.

## INTRODUÇÃO

Contraceção é o ato de evitar gravidez, para isso existem diversos métodos, dentre eles, procedimentos, medicamentos, dispositivos e comportamentos – partes da vida da mulher des-de a puberdade até a menopausa, sendo usado não somente para evitar gravidez, mas também para regular os ciclos hormonais e entre outros fatores. Devido ao grande público usuário, ao longo período de uso e aos diversos rumores a respeito dos perigos que tais métodos, sobretudo os hormonais (constituídos principalmente de estrógeno e progesterona), há necessidade de estudar, pesquisar e trazer esclarecimento a respeito o assunto.

O índice brasileiro de gravidez indesejada está acima da média mundial e, cerca de 62% das mulheres já tiveram pelo menos uma não planejada, segundo uma pesquisa feita pela Bayer, em parceria com a Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (Febrasgo, 2021). Além desse motivo, há outros fatores que levam as mulheres a buscarem por métodos contraceptivos, mesmo que sem indicação e acompanhamento médico, sendo os anticoncepcionais hormonais os mais comuns procurados em todos os casos – destacando-se entre eles a pílula anticoncepcional preferido de 61% das brasileiras usuárias (IBGE, 2017).

A ignorância a respeito de informações sobre cada método contraceptivo, suas diferenças, riscos e benefícios permeia a população feminina do Brasil, uma vez que 41% das mulheres desejam saber e entender sobre isso, evidenciando o quanto esse assunto é desconhecido por grande parcela das mulheres que se sujeitam a esses métodos de proteção (IPOS/ORGANON, 2021).

Tendo em vista a realidade em que a mulher se encontra, nota-se que, embora haja benefícios, – prevenir gravidez inesperada e regular o ciclo menstrual, por exemplo – deve-se ter e democratizar o conhecimento dos efeitos colaterais desses métodos, como alterações imunológicas, metabólicas, vasculares (MITRE et al., 2006), para que assim elas possam escolher utilizar ou não tais contraceptivos de modo consciente, identificando e ponderando os benefícios e malefícios de seu uso.

Visando a esclarecer esse assunto e contribuir com a saúde da mulher, a presente mini revisão integrativa foi construída com intuito de identificar quais as influências e consequências dos anticoncepcionais, mais especificamente hormonais, a curto e a longo prazo na vida feminina.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma mini revisão sistemática do tipo integrativa, realizada no segundo semestre de 2022, em que buscou-se responder à seguinte questão norteadora: “Como os anticoncepcionais hormonais oferecem risco à saúde da mulher?”. Dessa forma, foi realizada uma busca por artigos na base de dados da Public/Publisher MEDLINE (PubMED) e Scientific Electronic Library Online (SciELO) por meio dos descritores: “contraceptivo hormonal”, “efeitos” e “saúde contraceptiva”, ressaltando o uso do booleano “AND” com os descritores citados acima.

Foi incluído na busca os artigos publicados nos últimos 7 anos, ou seja, no período entre 2016 e 2022. Os demais critérios de seleção utilizados foram os que estavam completos e disponíveis por acesso gratuito, idiomas português e inglês e artigos originais. Foram excluídos artigos de revisão da literatura ou que não estavam no contexto da pesquisa. Após leitura dos artigos, foram escolhidos cinco artigos que melhor dialogam com a pergunta de pesquisa e com os descritores citados anteriormente.

## RESULTADOS

Conforme os artigos analisados, os principais métodos contraceptivos que ocasionam algum efeito colateral nas pacientes são os contraceptivos hormonais em especial os orais, sendo 66,8% das mulheres que usavam esse método referiram algumas alterações após o uso desse medicamento, sendo eles a alteração no fluxo menstrual (45,8%); a cefaleia (27,1%); a dismenorreia (23,3%) e a diminuição da libido (15,8%), entre outros (BORGES; SABINO; TAVARES., 2016).

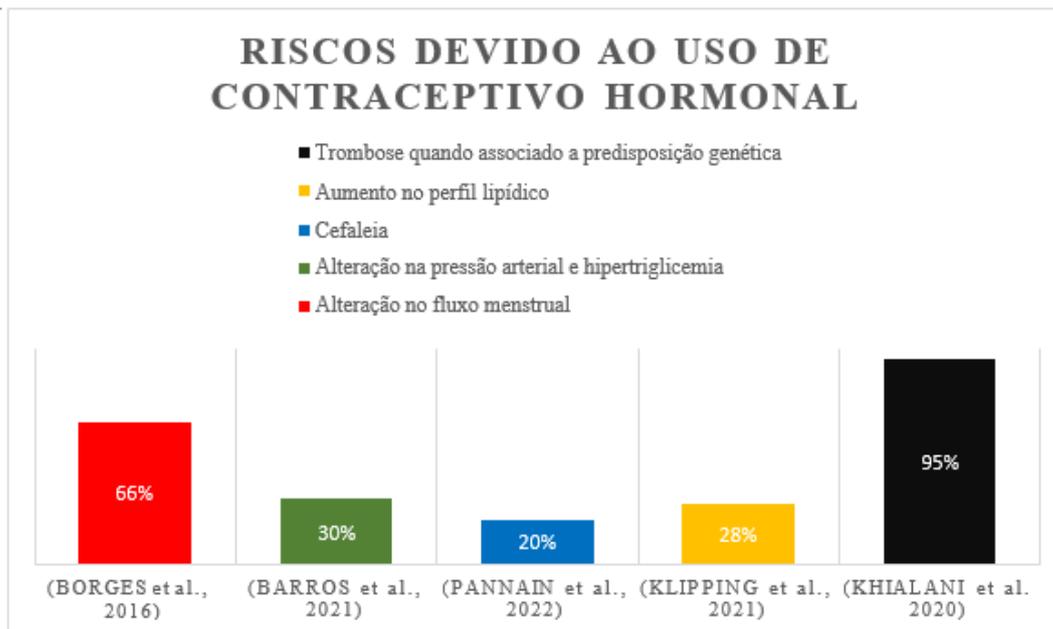
Nesse prisma, vale ressaltar a pesquisa Pannain et al. (2022) realizada com 536 mulheres com média de 23 anos de idade, sendo dessas 264 alegaram uso de métodos contraceptivos, o método contraceptivo mais frequente foi o uso combinado de contraceptivos orais (CO) e preservativos. Foram reportados como efeitos adversos: cefaleia (20,5%), se sentir desconfortável (30,5%), vazamento de escape (13,4%). A partir desses resultados, podemos afirmar que determinadas pílulas aumentam o risco de cefaleia assim como de edema.

Nos estudos de Borges, Sabino, Tavares (2016) e Pannain et al. (2022) um efeito colateral que impactou bastante a vida dessas mulheres foi a diminuição da libido tendo uma relação  $P < 0,0001$ . Chegando a incomodar de tal maneira que 57,3% procuram ajuda médica para tentar solucionar os problemas. Além disso, não houve relação com a composição hormonal.

Observou-se nos estudos que usuárias de CO apresentavam alterações da pressão arterial e hipertrigliceridemia, como consequência direta dessa análise faz-se o aumento do risco de doenças cardiovasculares à exemplo infarto do miocárdio, trombose, entre outras (BARROS et al., 2021). Consoante aos argumentos supracitados, está o artigo Klipping et al (2021) que analisou os efeitos metabólicos e endócrinos em mulheres que usavam CO, o perfil lipídico dessas mulheres teve uma diferença significativa com aumento de 28%, quando comparado com o grupo de mulheres que não utilizavam os CO.

Na pesquisa Khialani et al (2020), foram analisados o efeito conjunto dos fatores genéticos de risco e os diferentes tipos de CO em relação ao risco de trombose venosa. O efeito sinérgico CO e os fatores genéticos foram variáveis dependendo do tipo de fármaco contraceptivo, por exemplo CO contendo progestógeno levonorgestrel obteve um risco menor de trombose em comparação com CO contendo gestodeno, desogestrel e acetato de ciproterona. Resultados semelhantes foram encontrados em mulheres que não possuíam histórico familiar de trombose venosa.

**Figura 1:** Riscos devido ao uso de contraceptivo hormonal, de acordo com cada artigo apresentado na mini revisão.



Fonte: os autores, 2022.

## DISCUSSÃO

Ao estudar os cinco artigos selecionados, percebem-se semelhanças quanto aos hormônios citados, tal como o etinilestradiol (E) um derivado do estrogênio, presente na maioria dos contraceptivos (KLIPPING et al., 2021), contudo ele apresenta inúmeros efeitos colaterais no sistema cardiovascular, assim como trombose, principalmente em mulheres que já apresentam fatores de risco. Aumenta também a síntese de proteínas e afeta o metabolismo de lipídios e carboidratos. Somando-se a isso, esse mesmo hormônio E tende a diminuir o LDL e a aumentar os níveis de lipoproteínas de alta densidade (HDL) e triglicerídeos em mulheres com dislipidemia conhecida (CARRIAS et al., 2019).

Outro hormônio citado ao longo de todos os artigos foi a progesterona e seus derivados, sempre que mencionada e comparada ao estrogênio, era elevada ao patamar de menor risco para trombozes, patologias cardiovasculares, confusão metabólica e, ainda assim mantém também a eficácia contraceptiva. Quando comparados, estrogênio funciona para a regulação do ciclo menstrual enquanto a progesterona é responsável por prevenir a gravidez. Eles são, portanto, os grandes protagonistas dos COs hormonais utilizados ao redor do mundo, podem estar combinados ou separados dentro das pílulas (KLIPPING et al., 2021; CARRIAS et al., 2021; PANNIAN et al (2022), BARROS et al (2022), BORGES; SABINO e TAVARES, (2016).

Mesmo com a alta eficácia dos métodos contraceptivos hormonais, existem inúmeros efeitos colaterais que a ingestão e aplicação hormonal acarreta no corpo da mulher (CARRIAS et al., 2019). Os mais citados são trombose, escape ou vazamento, dores de cabeça, queda ou perda da libido e dor nas mamas. Esses

efeitos são relatados em todos os artigos pelas próprias participantes e em muitos casos o uso dos COs foi suspenso devido aos mesmos efeitos (BORGES et al., 2016).

Fica nítido a partir dos dados fornecidos pelos artigos e também acordados por Marques et al. (2020) em seu artigo “Tromboembolismo venoso na mulher: novos desafios para uma velha doença” que o risco de trombose é agravado pelo uso de contraceptivos hormonais, em maior escala aqueles com altos níveis de estrogênio e em escala menor aqueles a base de progesterona concordando com todos os autores supracitados. Outro estudo, elaborado por Lima (2016) “Influência de anticoncepcionais hormonais e ocorrência de acidente vascular cerebral: revisão integrativa”, traz uma nova preocupação, o risco de acidente vascular cerebral causado pelo uso dos contraceptivos, principalmente os que são à base de estrogênio e novamente, seguindo o caminho dos outros autores, afirma que aqueles à base de progesterona conferem menos risco a saúde da mulher.

Portanto, os efeitos colaterais causados pelos contraceptivos hormonais no corpo da mulher são um fato já comprovado pela sociedade científica ao redor do mundo, e por isso, novos métodos têm sido utilizados para minimizar tais efeitos. Um exemplo seria COs que utilizem somente homônios advindo da progesterona. Os estudos apresentam dados válidos para a discussão, porém não são suficientes para entender profundamente de que maneira os efeitos colaterais são desencadeados, assim como as consequências a longo prazo do uso contínuo dos COs (CARRIAS et al., 2019). Por isso, sendo afirmado pelos próprios autores, novos e mais estudos são necessários para a melhor compreensão dessa problemática de acordo com Pannain et al. (2022).

## CONCLUSÃO

A partir do estudo realizado, concluímos que foram destacados os principais e mais conhecidos efeitos encontrados na literatura, a exemplo de cefaleia e trombose. No entanto, novos estudos são necessários para entender de forma aprofundada como os sinais e sintomas e as patologias se desenvolvem a partir da alteração hormonal causada pelos COs. Além disso, essa temática deve ter seus resultados amplamente divulgados, uma vez que esse método contraceptivo é um dos mais utilizados.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A.P.F.; ASSIS, M.M. Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais. **Revista Eletrônica Atualiza Saúde**, v. 5, n. 5, p. 85-93, janeiro-junho, 2017.

Apoio a mulheres em uma gravidez indesejada será tema de audiência pública. **Câmara Municipal de BH**, 2022. Disponível em: [https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2022/03/apoi-o-mulheres-em-uma-gravidez-indesejada-ser%C3%A1-tema-de-audi%C3%Aancia#:~:text=Cerca%20de%2062%25%20das%20mulheres,Febrasgo\)%2C%20realizada%20em%202021](https://www.cmbh.mg.gov.br/comunica%C3%A7%C3%A3o/not%C3%ADcias/2022/03/apoi-o-mulheres-em-uma-gravidez-indesejada-ser%C3%A1-tema-de-audi%C3%Aancia#:~:text=Cerca%20de%2062%25%20das%20mulheres,Febrasgo)%2C%20realizada%20em%202021). Acesso em 13 de outubro de 2022.

- BARROS, B. S et al. ERICA: cardiovascular risks associated with oral contraceptive use among Brazilian adolescents. **Jornal de Pediatria**, v. 98, n. 1, p. 53-59, 2022.
- BORGES, M. C.; SABINO, A.M.N.F.; TAVARES, B.B. Conhecimento sobre os efeitos dos contraceptivos hormonais por acadêmicas da saúde. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 30, n. 4, p. 1-11, out-dez, 2016.
- LIMA, A.C.S.; et al. Influence of hormonal contraceptives and the occurrence of stroke: integrative review. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 3, p. 647-655, maio-junho, 2017.
- KHIALANI, D.; et al. The joint effect of genetic risk factors and different types of combined oral contraceptives on venous thrombosis risk. **British Journal of Haematology**, v. 191, p. 90- 97, 2020.
- KLIPPING, C.; et al. Endocrine and metabolic effects of an oral contraceptive containing estetrol and drospirenone. **Journal Contraception**, v. 103, p. 213-221, 2021.
- OLIVEIRA, A.L.M.L.; PASCHÔA, A.F.; MARQUES, M.A. Tromboembolismo venoso na mulher: novos desafios para uma velha doença. **Jornal Vascular Brasileiro**, v. 19, n. 20190148, p. 1-10, 2020.
- PANNAIN, G. D.; et al. Epidemiological Survey on the Perception of Adverse Effects in Women Using Contraceptive Methods in Brazil. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 44, n. 1, p. 25-31, 2022.
- SERRANO, A. Pesquisa: só 13% das mulheres têm conhecimento de métodos contraceptivos. **Estado de Minas**, 2021. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2021/10/05/interna\\_bem\\_viver,1311512/pesquisa-so-13-das-mulheres-tem-conhecimento-de-metodos-contraceptivos.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/bem-viver/2021/10/05/interna_bem_viver,1311512/pesquisa-so-13-das-mulheres-tem-conhecimento-de-metodos-contraceptivos.shtml). Acesso em 13 de outubro de 2022.
- TANCREDI, T. Por que muitas mulheres estão deixando de tomar a pílula anticoncepcional. **Jornal GZH**, 2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/sexo-e-relacionamento/noticia/2017/03/por-que-muitas-mulheres-estao-deixando-de-tomar-a-pilula-anticoncepcional-cjpk1fpk0002u7dcnj1hwomo.html>. Acesso em 13 de outubro de 2022.